

NARRATIVAS TRANSMÍDIA EM JORNALISMO: A EXPANSÃO DE ASPECTOS TEMÁTICOS

TRANSMEDIA STORYTELLING IN JOURNALISM: THE EXPANSION OF THEMATIC
ASPECTS

MARCOS CARVALHO MACEDO

Jornalista pela Universidade Federal de Pernambuco (2016), bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2011) e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (2019).
E-mail: marcoscarvalhom@outlook.com

YVANA FECHINE

Jornalista, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É pesquisadora associada ao Centro de Pesquisas Sociosemióticas e ao Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva (Obitel).
E-mail: yvana.fechine@gmail.com

MACEDO, Marcos Carvalho; FECHINE, Yvana . Narrativas Transmídia em Jornalismo: a expansão de aspectos temáticos. Revista GEMINIS, São Carlos, UFSCar, v. 10, n. 2, pp.77-100, mai. / ago. 2019.

Enviado em: 19 de junho de 2019 / Aceito em: 19 de agosto de 2019

RESUMO

A transmídiação, modelo de produção que articula conteúdos em diferentes mídias e plataformas por estratégias de propagação e expansão, tem sido experimentada no jornalismo. Com base no conceito de transtextualidade e nas estruturas discursivas da teoria semiótica greimasiana, buscamos compreender como se configura uma narrativa transmídia no jornalismo, considerando o desdobramento temático como critério para identificar suas estratégias. A análise de dois dossiês Tudo Sobre, do Grupo Folha, evidencia o papel dessas estratégias e algumas funções dos conteúdos em relação ao texto de referência: recuperação, promoção, atualização, contextualização, opinião e exploração de aspectos temáticos.

Palavras-chave: Transmídiação; Narrativa transmídia; Jornalismo; Desdobramento temático; Tudo Sobre.

ABSTRACT

The transmediation, a production model that articulate contents in different media and platforms by strategies of propagation and expansion, has been tried on the journalism. Based on the concept of transtextuality and discursive structures of the greimaisan semiotic, we try to understand how transmedia storytelling is configured in journalism, considering the unfolding of thematic as criterion to identify its strategies. The analysis of two dossiers Tudo Sobre, of the Grupo Folha, makes clear the role of strategies and some functions of the contents in relation to the reference text: recuperation, promotion, actualization, contextualization, opinion and exploration of thematic aspects.

Keywords: Transmediation; Transmedia storytelling; Journalism; Thematic unfolding; Tudo Sobre.

INTRODUÇÃO

A pesar das produções transmídia serem um fenômeno recente, procedimentos de articulação entre mídias têm sido uma constante na trajetória dos meios de comunicação. As inovações tecnológicas e as redes digitais potencializaram esses processos e complexificaram essas relações à medida que os destinatários-consumidores mudaram seus hábitos de consumo. Filmes, séries e telenovelas passaram a investir na construção de universos narrativos mais amplos, que permitem criar conteúdos para outras mídias, fazendo surgir uma das expressões mais emblemáticas desse fenômeno no cenário midiático atual, a *narrativa transmídia*. Esse tipo de produção teve origem e se desenvolveu com maior intensidade na indústria do entretenimento, mas não se excluem outros campos em que ele possa ser adotado, desde que observadas suas características específicas. Por isso, cabe perguntar: como se configura a narrativa transmídia jornalística?

Por envolverem condições de produção mais complexas e dispendiosas – equipes maiores, maior investimento de tempo e orçamento, por exemplo –, no jornalismo, as narrativas transmídia têm sido exploradas predominantemente em reportagens especiais e ainda de maneira experimental. Considerando isso, optamos por aprofundar esta questão analisando a articulação entre conteúdos produzidos para as diversas mídias e plataformas em um projeto que, pela sua continuidade e significativa articulação entre mídias, aponta para utilização do modelo de produção transmídia. As produções analisadas constituem a série de grandes reportagens *Tudo Sobre*, produzidas pelo Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de jornalismo do país. Entre 2013 e 2016 foram publicados sete dossiês que articulavam uma reportagem multimídia no portal do veículo e conteúdos jornalísticos para o jornal, a televisão, as redes sociais e dispositivos móveis. A recorrência desse modo de articulação de conteúdos entre diferentes mídias sinaliza a existência de um certo “padrão” de produção seguido por determinado tempo e de um projeto de produção transmídia em jornalismo.

O referencial teórico adotado para análise parte da concepção de um modelo de produção baseado em estratégias de propagação e expansão que guiam a articulação de conteúdos, denominado por Fachine et. al. (2013) de transmidiação. Nessa definição também se insere a narrativa transmídia (JENKINS, 2009) como uma das estratégias

de expansão. Nossa hipótese é que o modelo transmídia transparece de maneira recorrente nos dossiês *Tudo Sobre* da Folha, tendo os aspectos temáticos como critérios para expansão dos conteúdos, nos moldes das narrativas transmídia. Essa proposição sustenta-se na ideia de que o texto transmídia é um todo, uma instância englobante, formado pela relação entre seus componentes, os englobados (FECHINE, 2014) e que as relações que se estabelecem a partir das estratégias transmídia fundamentam-se na transtextualidade (GENETTE, 2010), perceptíveis pelo nível discursivo dos textos através dos percursos temáticos e figurativos (GREIMAS; COURTES, 2008).

A investigação acerca do modelo de produção transmídia no jornalismo tem como objetivo evidenciar como as estratégias de propagação e expansão de conteúdos entre mídias e plataformas se manifestam nos dossiês *Tudo Sobre*, para perceber como se configura uma narrativa transmídia nesse campo. Considerando que a utilização de mais de uma mídia ou plataforma para distribuição de conteúdo não caracteriza, por si só, uma narrativa transmídia, destacaremos o desdobramento do universo temático-narrativo como estruturante para as estratégias nos textos jornalísticos, realçando as funções estabelecidas nas relações entre os conteúdos. Para além da utilização desse modelo, importa também destacar sua relevância e as contribuições que ele traz para esse campo específico da comunicação. A análise de duas produções, os dossiês *Tudo Sobre Belo Monte* e *Tudo Sobre o Mosquito*, auxiliará nessa tarefa.

Adotaremos como procedimento de análise a comparação de aspectos temáticos entre os diversos conteúdos em cada produção, conforme vem sendo utilizado por Fachine (2013-2016) para estudo das séries de reportagens especiais para TV. Esse modo de análise poderia ser sumarizado nos seguintes passos: 1) identificar e coletar todos os textos relacionados nas diversas mídias; 2) traçar os percursos de distribuição e remissão entre os textos nas diversas mídias para identificar o texto de referência; 3) realizar análise temática do texto de referência e dos demais textos associados; 4) e comparar os aspectos temáticos dos textos associados com o texto de referência para identificar as estratégias de propagação e expansão. Postulamos que, havendo conteúdos que expandam ou complementem aspectos temáticos com outras informações, caracteriza-se a existência de uma narrativa transmídia jornalística.

1. O TEXTO TRANSMÍDIA E SUAS RELAÇÕES

A origem do termo transmídia remete a uma estratégia comercial identificada por Kinder (1991), baseada na intertextualidade em torno de personagens de histórias que, distribuídos em diferentes mídias e formatos, poderiam alavancar o consumo. Jenkins (2003), faz uso do termo para explicar “franquias transmídia” de Hollywood, como *Indiana Jones* e *Stars Wars*, formulando, posteriormente, uma descrição que tem

sido adotada pela maioria dos pesquisadores, como uma história que se desenrola “através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2009, p. 138), através da expansão do universo narrativo e sem prejuízo da autonomia de sentido destes novos conteúdos.

Mittell (2015) problematiza a concepção “ideal” de narrativa transmídia proposta por Jenkins (2009), enquanto Evans (2011) questiona o uso do termo para designar todas as produções cujo universo narrativo se apresenta em mais de uma plataforma de mídia. Nessa mesma linha, Fechine et al. (2013) diferenciam um conjunto de estratégias dos produtores de uma propriedade mais geral de tráfego de conteúdos digitalizados no ambiente de convergência midiática, concebendo um modelo de produção transmídia:

Entendemos *transmídiação* como um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa estimulada pelo ambiente de convergência (FECHINE ET AL., 2013, p. 26, grifo dos autores).

O quadro teórico relevante e abrangente formado a partir dessa definição consegue, no nosso entendimento, dar ordem, método e estrutura ao emaranhado de conceitos e fenômenos que giram em torno do tema “transmídia”. As proposições fundamentam-se na análise de produções da teledramaturgia brasileira, mas sua pertinência tende a alcançar outras áreas da comunicação, pois dialoga com noções já consolidadas, realocando-as de forma sistemática.

Considerar a transmídiação como “modelo de produção” implica a existência de um projeto bem articulado de conteúdos entre mídias como “ação estratégica de comunicação oriunda de um destinador-produtor” (FECHINE ET AL., 2013, p. 25) para incentivar o engajamento dos destinatários-consumidores. Essa articulação precisa envolver ao menos duas mídias distintas, uma delas desenvolvendo um conteúdo de referência com o programa narrativo principal ou de base, a partir do qual se desdobrarão conteúdos associados.

Para que o destinatário-consumidor possa estabelecer uma relação entre os conteúdos é preciso considerar a existência de elementos que deixem explícita a ligação entre os textos de modo a formar “um ciclo sinérgico no qual um conteúdo chama atenção sobre o outro”, e/ou estabelecer uma “complementaridade entre elementos e programas narrativos interdependentes, mas dotados de sentido em si mesmos” (FECHINE ET AL., 2013, p. 34). Trata-se de formular programas de engajamento propostos aos destinatários-consumidores para explorar suas competências de buscar e articular conteúdos em

diversas mídias. As duas grandes estratégias transmídia identificadas pelos autores são a propagação e expansão, cujos objetivos são, respectivamente, repercutir o texto de referência em outras plataformas, procurando chamar atenção sobre conteúdos de outras mídias, e oferecer novos elementos que alarguem o universo narrativo, desenvolvendo programas narrativos complementares ou auxiliares ao texto de referência em outros meios, nos moldes da narrativa transmídia descrita por Jenkins (2009).

Dessa maneira, o texto transmídia pode ser compreendido como um texto em relação, isto é, como “uma instância (englobante) que resulta da “ativação” das relações propostas entre os componentes (englobados) do projeto” (FECHINE, 2014, p. 124). Essas relações tornam-se mais evidentes a partir da noção de transtextualidade, proposta por Genette (2010), que estabelece uma taxonomia textual de cinco relações para explicar como os textos são gerados e como se vinculam uns com os outros. Para o teórico francês as relações transtextuais não representam classes acabadas, sem comunicação ou interseção entre si, mas a própria transcendência textual do texto, isto é, “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 2010, p.13). Essas relações podem se apresentar sob cinco tipos – intertextualidade, paratextualidade, hipertextualidade, metatextualidade e arquitextualidade – , mas para explicitar as ligações que ancoram as estratégias transmídia, nos concentraremos nas três primeiras.

A intertextualidade define-se como “uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro” (GENETTE, 2010, p. 14), e manifesta-se como citação, plágio ou alusão. Nas produções transmídia em jornalismo poderíamos conceber como presença de um texto em outro a utilização de imagens, infográficos, marcas gráficas, fontes, estilos ou mesmo textos escritos, reproduzidos, no todo ou em parte, de um texto em outro numa mídia distinta. Os processos de reprodução, reedição e síntese de textos para propor um novo conteúdo reflete a intertextualidade.

Já a relação que um texto mantém com outros considerados acessórios constitui a paratextualidade. Sua função é direcionar a leitura, facilitando, de algum modo, a apreensão do sentido do texto em torno do qual orbita. São exemplos de paratextos de um livro os títulos, subtítulos, intertítulos, prefácios e prólogos, posfácios, advertências e notas explicativas, epígrafes, ilustrações, release, orelha e capa. Eles guiam e enriquecem de algum modo a leitura de outro texto, sem que sejam necessários ou essenciais à sua compreensão. Nas produções transmídia os paratextos exercem o papel de fazer com que o destinatário-consumidor desperte o interesse para acessar um outro conteúdo, orientando seu consumo. No jornalismo poderíamos associar os paratextos a teasers,

postagens em redes sociais, notícias sobre as produções, marcas do projeto, entre outros. As relações de intertextualidade e paratextualidade constroem as estratégias de propagação, cujo objetivo é “vender” a produção a consumidores de outras mídias.

A hipertextualidade é concebida por Genette (2010) como “toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário” (GENETTE, 2010, p. 18, grifos do autor). Trata-se de uma relação marcada pela derivação que mantém certa dependência existencial em relação a um texto anterior, ainda que o hipertexto não faça referência ao hipotexto, ou seja, não necessariamente precisa falar dele ou citá-lo. Outra característica do hipertexto, isto é, de um texto derivado é que ele pode “ser lido por si mesmo e comporta uma significação autônoma e, portanto, de uma certa maneira suficiente” (GENETTE, 2010, p. 143). Essa “ambiguidade” presente em todo hipertexto de poder ser lido por si mesmo e na sua relação com seu hipotexto promove uma leitura relacional (dois ou vários textos) em que a leitura de um texto ajuda a leitura de um outro.

Nas manifestações transmídias, podemos considerar que a relação de determinados conteúdos com o texto de referência é hipertextual na medida em que dele deriva, acionando uma complementaridade de sentido. Nessa perspectiva, podemos considerar que um conteúdo transmídia (que é um texto secundário quando considerado em relação ao que desenvolve o programa narrativo principal) estabelece uma relação hipertextual sempre que funciona como seu complemento ou desdobramento, o que ocorre mais frequentemente nas estratégias de expansão (FECHINE, 2018).

A relação hipertextual ilustra bem a interdependência e autonomia existente entre os textos de uma narrativa transmídia, porque organizam elementos e programas narrativos complementares e ao mesmo tempo autônomos de sentido, promovendo uma espécie de derivação entre textos. Essas articulações são comumente analisadas na literatura, que se aproxima, em boa medida, das narrativas de entretenimento. Nesse campo, a trama textual estrutura-se através de programas narrativos de base e programas narrativos auxiliares, isto é, através de desdobramentos que incidem diretamente no encadeamento das ações, desenvolvendo o universo narrativo para além do texto de referência. Essa elaboração mais sofisticada de conteúdo para diferentes mídias e/ou plataformas pode acontecer através do aprofundamento de universos paralelos, de desdobramentos que avançam ou retroagem na temporalidade da narrativa ou desenvolvendo histórias de personagens secundários. No jornalismo, a construção de uma narrativa transmídia exige, antes, uma melhor compreensão da *narratividade* tal como concebida pela semiótica greimasiana.

2. A NARRATIVIDADE NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

O aparato teórico-metodológico desenvolvido por Greimas e seus colaboradores pretendeu estruturar uma “sintaxe narrativa” a partir dos estudos das funções da narratividade e, sobretudo, enraizada nas propriedades da linguagem. “O termo narrativa é utilizado para designar o discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens que realizam ações)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 294).

A semiótica concebe a narrativa como um percurso de transformação de estados do sujeito na sua relação de junção com objetos-valor. A relação entre o sujeito e o objeto pressupõe a transitividade entre dois estados fundamentais: o sujeito pode estar em conjunção ou em disjunção com o objeto. Essa unidade elementar ou “molécula da narratividade” – denominada de programa narrativo (PN) – corresponde à transformação de um estado a outro. No primeiro caso, temos um enunciado de estado conjuntivo, o que corresponde a um programa de aquisição (sujeitos em busca de conjunção com o objeto). No segundo caso, temos um enunciado de estado disjuntivo, o que corresponde a um programa de privação (sujeito em busca de disjunção com o objeto). Toda narração possui etapas de transformação e atuantes (ou actantes) invariantes que, no nível discursivo, são recobertas por tematizações e figurativizações variáveis (FECHINE, 2018).

Nesse sentido, enquanto princípio organizador de qualquer discurso, a narratividade não pode ser considerada exclusiva de textos ficcionais. Segundo Fiorin (2008) todo texto é dotado de uma narratividade, isto é, relata uma transformação de estado, mesmo que não se apresente como narração, que se caracteriza como modo de construção textual que evidencia as etapas dessa transformação. Assim, mesmo uma reportagem que trate de dados de uma pesquisa realizada junto à população para saber sua opinião acerca da anulação da Lei da Anistia, ainda que seja mais descritiva e interprete dados, apresenta uma narratividade mínima: o estado inicial – a Lei da Anistia em vigor –, a transformação – o desejo da maioria da população de que a Lei seja anulada – e um estado final – a lei revogada.

Como caracterizar então, do ponto de vista narrativo, os textos jornalísticos? Na distinção que faz entre textos literários e não-literários, Fiorin e Savioli (2003) concluem que não é possível diferenciá-los pelos conteúdos tratados porque não possuem exclusividade, bem como não se pode demarcar pelo caráter ficcional ou não-ficcional, visto que há textos de difícil classificação a partir dessas categorias. Os autores preferem buscar critérios para essa diferenciação nas funções dos textos: o texto literário privilegiaria uma função estética, com ênfase no plano da expressão; enquanto o texto

não-literário se destacaria por uma função utilitária (informar, convencer, explicar, documentar, etc.) a partir de um conteúdo. Nestes últimos parecem estar situados os textos jornalísticos, mas ainda assim é preciso considerar variantes do jornalismo que não deixam de explorar o plano expressivo da linguagem através da narração, tais como a crônica, situada no limiar da literatura e do jornalismo, e as chamadas “histórias de interesse humano” e “histórias coloridas”, associadas ao jornalismo diversional (MELO e ASSIS, 2010), que encontra raízes no chamado *New Journalism*, misturando aspectos informativos do conteúdo ao prazer da leitura e o envolvimento com a narrativa.

Sem desconsiderar essas possibilidades, o jornalismo praticado mais recorrentemente por jornais, revistas, emissoras de rádio, pela televisão e portais de notícias privilegiam formatos de textos mais preocupados em informar e interpretar referentes do mundo natural, estruturados em diferentes modos de organização. A notícia, por exemplo, embora se constitua por uma sequência das ações, não segue uma ordem cronológica, mas hierárquica de importância: “uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2003, p 16). A reportagem, por outro lado, permite uma construção textual mais narrativa, seja sequencial, acrônica ou argumentativa, seja mesclando essas tipologias textuais.

A reportagem enquanto formato jornalístico¹ é enquadrada tanto como gênero informativo quanto interpretativo. Isso se deve às variações do formato: objetiva (de acontecimentos, de ação, de citações, de seguimento) e interpretativa (aprofundamento, antecedentes, contextualização e humanização). Utilizando-se da Teoria da Narrativa, Coimbra (1993) procura sistematizar o processo de construção do texto da reportagem narrativa elencando um amplo arcabouço de elementos utilizados. Primeiro descreve as possibilidades de foco narrativo para, a seguir, elencar, de maneira pormenorizada, os aspectos do texto jornalístico que giram em torno de modalidades de expressão do tempo (retardação, aceleração, duração), do espaço (físico, social e psicológico) com sua ambientação, e da caracterização dos personagens.

Em termos semióticos, essas modalidades de representação situam-se no primeiro nível de leitura do texto, o das estruturas discursivas, e são, mais especificamente, de ordem figurativa, isto é, possuem um correspondente no plano da expressão do mundo natural. Suas isotopias, isto é, suas recorrências no discurso, dizem respeito ao tempo, ao espaço e aos atores que mobilizam para o desenvolvimento da narrativa.

1 O uso que fazemos do termo reportagem aponta para o significado específico de uma matéria mais ampla e complexa que a notícia, já publicada em veículo noticioso (MEDINA, 2011). Apesar de nosso interesse pelo texto jornalístico, não desconsideramos todo o trabalho de produção que precede sua construção, desde a pauta até o levantamento, as entrevistas e o processo de edição.

Apesar de debruçar-se sobre o texto literário, Bertrand (2003, p. 154) afirma que “a figuratividade rege em boa medida muitas outras formas e gêneros discursivos: a narrativa mítica, o conto popular, o provérbio, o texto religioso, o discurso jornalístico ou publicitário, os episódios da troca cotidiana, etc.”

Coimbra (1993) discorre também acerca das demais formas de reportagem – descritiva e dissertativa –, detalhando também os elementos discursivos que esses textos mobilizam. No primeiro caso, defende que “toda descrição inicia com uma totalidade – o tema – para, em seguida, dividi-la em partes – nos subtemas...” (COIMBRA, 1993, p. 92). A partir daí, o detalhamento de cada uma das partes pode ser encontrado nas descrições de “ser, paisagem, situação, mundo psicológico e mundo imaginário, isto é, em tudo o que contém um texto descritivo” (COIMBRA, 1993, p. 92). A respeito do texto argumentativo, destaca os métodos de raciocínio fundamentais (indução e dedução) e subsidiários (análise, síntese, classificação e definição), as formas de introdução (declaração, discriminação, interrogação, contestação...), desenvolvimento (enumeração, detalhamento, confronto, comparação, exemplificação, causa e efeito, ...) e conclusão do texto (resumo, surpresa).

As características desses dois modelos de reportagem assemelham-se ao de reportagem documental (*quote-story*), proposto por Sodré e Ferrari (1986), que consiste num relato mais expositivo e pedagógico, e que, apoiando-se em dados, visa esclarecer sobre um assunto ou pronunciar-se a respeito de um tema ou questão. Tal como Coimbra (1993), os autores descrevem outros modelos (reportagem de fatos e reportagem de ação) nos quais predominam a narração como forma textual. Apesar de destacar certas características do formato como a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados, ressaltam também que, “conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas destas características poderão aparecer com maior destaque” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15).

Os modos de representação das reportagens descritivas ou documentais realçam os elementos de ordem temática que também estão situados no nível das estruturas discursivas. As isotopias temáticas têm sentido mais geral e mais abstrato, podendo receber “múltiplas realizações figurativas diferentes quando ocorre a discursivização e dar origem a uma infinidade de textos” (BERTRAND, 2003, p. 40). A fuga, por exemplo, é tema que poderia ser expressado por um conjunto de elementos figurativos como muralha, prisão, correria, polícia, bosque, horizonte, por exemplo, em um certo arranjo textual. Os discursos científicos, filosóficos e teóricos tendem a ser mais temáticos.

Fiorin (2008) explica que os temas são categorias de natureza puramente conceituais que servem para organizar e ordenar os elementos do mundo natural, isto

é, as figuras. Assim, não há oposição entre eles, mas certa predominância, isto é, um texto pode ser mais temático ou mais figurativo, mas não exclusivamente.

Os textos figurativos criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os textos temáticos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significativa, estabelecendo relações e dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. (FIORIN, 2008, p. 91).

A distinção entre textos temáticos e figurativos e seus efeitos de sentido mostram-se pertinentes para a compreensão do processo de construção de narrativas jornalísticas. A narratividade pode se manifestar numa reportagem de maneira mais explícita através da transformação de estados a partir da conjunção ou disjunção com valores, concretizados por isotopias figurativas (atores, espaço e tempo), ou tais esquemas narrativos podem ser mais implícitos e revestidos por isotopias temáticas e, portanto, mais abstratas. Trata-se de uma diferenciação meramente didática, já que esses elementos se entrecruzam, mas que fornece indicações para pensar os modos de expansão narrativa do texto jornalístico.

Tematização e figurativização integram as estruturas discursivas do modelo formulado por Greimas denominado *percurso gerativo de sentido*, que mostra, através de níveis ou patamares sucessivos, como se produz e se interpreta o sentido do texto, numa escala que vai do mais simples, da superfície manifestada, às formas mais complexas e profundas de sua organização. O caminho proposto por Fiorin e Savioli (2003) para encontrar os temas por trás dos textos figurativos baseia-se na análise do encadeamento das figuras presentes nele. Barros (2005) aponta a mesma perspectiva metodológica: deve-se empregar princípios da análise semântica e determinar os traços que se repetem no discurso e o tornam coerente.

Dessa maneira, se para análise de textos onde prevalece a função estética a ênfase tem sido nos programas narrativos que se manifestam no nível do discurso através da figurativização (especialização, temporalização e actorialização), para análise de alguns textos de função mais utilitária como informar, interpretar ou convencer (funções bem próximas do texto jornalístico), a ênfase poderá se dar a partir dos percursos temáticos que o texto deixa entrever a partir das figuras que o acionam. Essa proposição não nega o nível narrativo dos textos jornalísticos, apenas dá mais acento aos aspectos temáticos, considerando o formato jornalístico de reportagens cuja estrutura e organização têm por base um fato, fenômeno ou questão a partir de enquadramentos (ou aspectos) múltiplos.

O foco nos percursos temáticos e figurativos para análise da narrativa aponta uma perspectiva diferente para pensar os modos de expansão transmídia. Enquanto nas produções de filmes, séries e novelas a configuração de uma narrativa transmídia se dá através de conteúdos para outras mídias e plataformas que desdobram o universo narrativo e afetam diretamente a sequência das ações pela caracterização de personagens e ambientes ou pelo ritmo da história (aceleração, retardação, recuo e antecipação), postulamos que nas produções jornalísticas de caráter descritivo-argumentativo, onde a narratividade do texto é melhor percebida pelos percursos temáticos abordados, uma narrativa transmídia se constituirá pela expansão desses aspectos. Nessas produções, isso poderá ser reconhecido por meio dos conteúdos produzidos para mídias e plataformas distintas do conteúdo de referência que avançam na discussão do tema ou questão abordada, desenvolvendo ou acrescentando novos aspectos, fontes e interpretações capazes de aprofundá-lo.

Se a taxonomia proposta por Genette (2010) ajuda a compreender as relações entre os diversos textos que formam o texto transmídia e fundamentam as estratégias de propagação e expansão, os percursos temáticos desses textos apresentam-se como critérios para distinguir e identificar tais relações a partir de um texto de referência. Quando conteúdos apenas retomam aspectos temáticos já tratados anteriormente, estamos diante de conteúdos de propagação. Quando se nota que um aspecto temático é desenvolvido e aprofundado com novos elementos, ou mesmo quando um novo aspecto surge para complementar o grande tema, estamos diante de conteúdos de expansão. É o que demonstraremos através da análise comparativa de dois dos dossiês *Tudo Sobre*.

3. AS ESTRATÉGIAS TRANSMÍDIA NOS DOSSIÊS *TUDO SOBRE*

O jornal Folha de S. Paulo publicou, nos anos de 2013 a 2016, uma série de reportagens intitulada *Tudo Sobre*, com ênfase em especiais multimídia para web. Diferentemente do formato que o inspirou, a reportagem *Snow Fall* do jornal norte-americano *The New York Times* publicada em dezembro de 2012, os especiais *Tudo Sobre* tratam de temas de grande relevância nacional envolvendo múltiplas abordagens e articulando mídias e plataformas do Grupo Folha, apontando para utilização do modelo transmídia.

A série foi lançada em dezembro de 2013, com o dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, sobre a obra da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. No ano seguinte, em 2014, foram publicados mais dois dossiês: *Tudo Sobre a Ditadura Militar*, fazendo uma análise histórica e debatendo os reflexos do regime ditatorial para a sociedade brasileira, e *Tudo Sobre Crise da Água*, abordando a escassez de água potável na capital paulista, as cheias do Rio Madeira, na região Norte, e a transposição do Rio São Francisco, na região Nordeste. Em 2015 a Folha lançou outros três dossiês: *Tudo Sobre Contrabando*

no Brasil, debatendo a questão do comércio ilegal e da pirataria no Brasil; *Tudo Sobre o Rio em Transformação*, analisando os impactos das obras na cidade do Rio de Janeiro para receber os Jogos Olímpicos de 2016; e *Tudo Sobre Desmatamento Zero*, sobre o desenvolvimento sustentável na Amazônia e outras questões ambientais. Finalmente, em dezembro de 2016, veio a público o último dos dossiês, *Tudo Sobre o Mosquito*, sobre a epidemia de Dengue, Zika e Chikungunya que afetou o país.

Cada dossiê *Tudo Sobre* se constitui a partir de uma reportagem multimídia, em formato *longform*² hospedado no portal da Folha, explorando recursos como galerias de fotografias em tela cheia, vídeos, gráficos e linhas do tempo dinâmicas, *quizes*, bancos de dados e mapas interativos, entre outros. Essas reportagens articulam outros conteúdos no jornal impresso, no programa de televisão – à época veiculado na TV Cultura e posteriormente transformado em plataforma de WebTV –, em aplicativos de jogos criados especificamente para desenvolver alguma temática ou mesmo em debates e seminários promovidos pelo veículo.

Uma observação preliminar não é capaz de determinar a autonomia e complementaridade dos conteúdos. Somente a análise detalhada das produções que compõem cada um dos dossiês permite identificar estratégias de expansão para caracterizá-las como narrativa transmídia, pois, ainda que utilizem mais de uma mídia ou plataforma com recursos de mútua remissão, consideramos que na narrativa transmídia deverá prevalecer o desdobramento temático entre o texto de referência e os demais textos.

Nosso percurso metodológico de análise propõe: 1) em primeiro lugar coletar e catalogar, por mídia e plataforma, todos os conteúdos do dossiê, considerando parte da produção os conteúdos que fazem alguma menção explícita à série no próprio enunciado textual, a presença do selo que caracteriza a série ou o endereço virtual para acessar a reportagem multimídia; 2) mapear os percursos de distribuição e remissão entre conteúdos para identificar o texto de referência que, por desenvolver o programa narrativo de base, faz derivar ou desdobrar outros textos associados a partir dos percursos temáticos. 3) analisar os percursos temáticos do texto de referência e dos textos associados; 4) comparar os aspectos temáticos dos textos associados com os aspectos temáticos do texto de referência, distinguindo os conteúdos que expandem o assunto, daqueles conteúdos que apenas servem para propagar ou conduzir o destinatário-consumidor ao texto de referência ou a outros textos associados.

2 Segundo Longhi (2014), os formatos *longform* são o *turning point* da grande reportagem multimídia porque exploram textos de maior extensão (matérias mais de 4000 palavras ou grandes reportagens com mais 10 a 20 mil palavras), com aprofundamento temático e narrativo de fatos ou questões, aliado a uma tecnologia que permite organizar o conteúdo na página em grandes blocos de textos (quase sempre divididos em capítulos), possibilitando a criação de designs específicos para a página e em uma navegação imersiva que se vale de recursos e elementos multimídia.

Na análise das relações estabelecidas entre os conteúdos produzidos em cada uma das estratégias, encontramos certa recorrência de funções, que nos permitiu criar subcategorias dentro de cada estratégia. Assim, nas estratégias de propagação as funções identificadas referiam-se à recuperação (relação intertextual) e promoção (relação paratextual) de aspectos temáticos, enquanto nas estratégias de expansão (relação hipertextual) encontramos características próprias do jornalismo como atualização, contextualização, opinião e exploração de certos aspectos temáticos do texto de referência.

As estratégias de propagação baseiam-se na intertextualidade, pela *recuperação* de parte do texto de referência em outra mídia através da reedição, da síntese ou adaptação; ou pela paratextualidade, visando a *promoção* dos diferentes conteúdos pelo destaque de algum aspecto temático para prender a atenção do destinatário-consumidor. Nas estratégias de expansão: a *atualização* refere-se a conteúdos associados que tratam de aspectos temáticos presentes no texto de referência com acréscimo de novas e recentes informações, quase sempre no formato de notícia ou *hard news*, e incorporados ao projeto transmídia à semelhança de uma *suíte*; a *contextualização* procura tornar mais compreensíveis fatos ou situações, fornecendo mais detalhes a respeito dos fatores que os envolvem, aprofundando aspectos temáticos do texto de referência ou desenvolvendo melhor certos pontos da questão, quase sempre planejados previamente; a *opinião* refere-se a diversidade de pontos de vista acerca de aspectos temáticos controversos e privilegia a argumentação, podendo aparecer em forma de editoriais, colunas, charges, artigos e seminários ou debates; e a *exploração*, cuja função é “fazer sentir”, provoca uma experiência sensorial relacionada a algum aspecto da narrativa jornalística, através de ferramentas digitais como *newsgames*, vídeos em 360 graus e aplicativos de realidade virtual aumentada (Tabela 1).

Tabela 1 - Estratégias transmídia na série *Tudo Sobre*

| ESTRATÉGIAS | FUNÇÕES |
|-------------|------------------|
| PROPAGAÇÃO | Recuperação |
| | Promoção |
| EXPANSÃO | Atualização |
| | Contextualização |
| | Opinião |
| | Exploração |

Fonte: Elaboração dos autores

Ainda que predomine uma ou outra estratégia, é preciso alertar que não se tratam de categorias fechadas, já que todo conteúdo de expansão pode assumir também uma função de propagação à medida que um endereço eletrônico ou o selo da série

guiam o destinatário-consumidor para o texto de referência ou outro texto associado. Evidenciaremos o uso dessas estratégias e a diferença entre elas na análise de dois dos dossiês *Tudo Sobre*.

3.1 TUDO SOBRE BELO MONTE

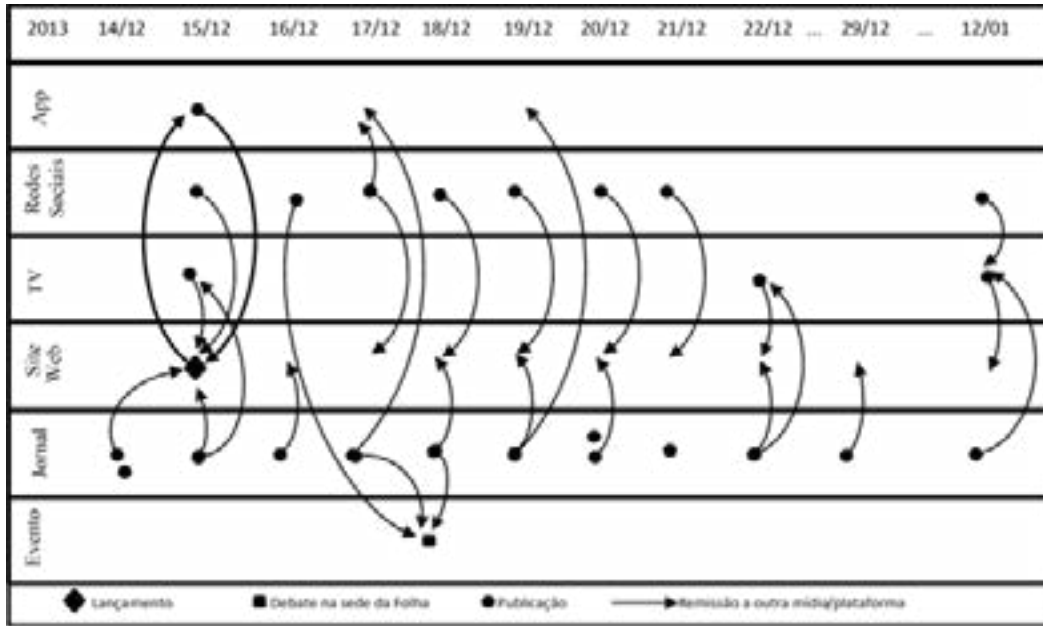
O dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* é o mais emblemático da série e impressiona pela diversidade de material, por explorar mais mídias e plataformas e pela articulação que os conteúdos promovem entre si. Lançado oficialmente em 15 de dezembro de 2013, a novidade trazida pela série de dossiês *Tudo Sobre* foi a produção de uma grande reportagem multimídia publicada em formato *longform*³.

Dividida em cinco capítulos que se assemelham a palavras-chaves: *Obra, Ambiente, Sociedade, Povos Indígenas e História*, a reportagem *A batalha de Belo Monte* apresenta dois grandes percursos temáticos: a obra e os impactos causados. No percurso temático da obra encontramos aspectos como: a descrição da construção; os desafios de infraestrutura, os atrasos e paralisações, assim como as condições de trabalho oferecidas operários da obra; o funcionamento da usina; e os detalhes do Projeto que deu origem ao empreendimento. No segundo percurso temático agrupamos os impactos ambientais – a redução da vazão do rio, o provável desaparecimento de espécies de peixes, o desmatamento e os empreendimentos de mineração nas proximidades da obra – e sociais – aumento populacional, ausência de serviço público adequado, crescimento do uso de drogas, aumento da violência – e também os impactados – ribeirinhos e povos indígenas –, afetados em seu estilo de vida e na atividade econômica que desenvolviam.

A reportagem multimídia desenvolve o programa narrativo-temático principal e é o conteúdo mais referenciado nas demais mídias e plataformas utilizadas no dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, o que lhe confere a característica de conteúdo ou texto de referência. O processo de remissão também acontece entre os próprios conteúdos associados ou desdobrados. Trata-se de pautar o próprio dossiê através de diferentes conteúdos em outras plataformas para manter o público interessado na temática abordada. Merece destaque o papel do jornal Folha de S. Paulo, promovendo e guiando o leitor para o consumo dos demais conteúdos. A função desse veículo no projeto transmídia é coordenar as estratégias, estabelecendo a conexão entre os diversos conteúdos. No fluxograma (Figura 1) é possível visualizar a articulação de conteúdo entre as mídias e plataformas da Folha.

3 <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte>

Figura 1 - Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*



Fonte: MACEDO, 2019, p. 80.

No dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* as estratégias de propagação foram mobilizadas através do programa TV Folha, mas, sobretudo, pelo jornal Folha de S. Paulo (FSP). Esses conteúdos procuram recuperar aspectos temáticos já abordados no texto de referência ou textos complementares, ou simplesmente promovê-los.

A propagação por recuperação se deu com a reprodução do primeiro capítulo da reportagem multimídia no jornal ou aproveitando mapas e infográficos do texto de referência para ilustrar a matéria do jornal “Empregos fazem maioria apoiar usina” (FSP, 14/12/2013, Mercado 2, p. 2-3), que discute a pertinência da construção da Usina de Belo Monte a partir de dados de pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha. As matérias possuem texto diferente da reportagem multimídia, mas abordam os mesmos aspectos temáticos.

Outra parte dos conteúdos de propagação assumem a função da promoção do texto de referência ou de conteúdos associados. São *boxs* vinculados a conteúdos publicados no jornal Folha de S. Paulo, que destacam aspectos como formatos e investimentos para produção da reportagem, matérias que orientam como usar o aplicativo Folhacóptero ou inscrever-se para o debate com especialistas, e indicam o horário em que o programa TV Folha Especial Belo Monte iria ao ar na TV Cultura.

Em comparação com a reportagem multimídia, conteúdos de outras mídias também desdobram, ampliam ou complementam aspectos temáticos ali tratados. Através do jornal, da televisão, do aplicativo e do evento realizado para debater a questão, são mobilizadas estratégias que expandem o texto de referência, seja através da

atualização, contextualização, opinião e exploração de aspectos temáticos do universo discursivo. No quadro a seguir (Figura 2) é possível visualizar como acontece o processo de expansão.

Figura 2 – Expansão temática do especial Tudo Sobre Belo Monte



Fonte: MACEDO, 2019, p. 82.

A expansão por atualização do texto de referência, em que novos fatos relacionados ao tema permitem manter o público informado dos últimos acontecimentos, é explorada através do jornal impresso quando trata da paralisação das obras por determinação judicial e sua posterior liberação, da revelação de que havia ouro sob o local da barragem e das soluções encontradas pelos engenheiros para construir diques sob uma rocha permeável.

Os conteúdos de expansão por contextualização dos aspectos temáticos do texto de referência detalham, tanto no jornal impresso como na televisão, pontos relevantes não desenvolvidos na reportagem multimídia. No jornal, verificamos uma abordagem sequencial sobre a produção energética brasileira por quase uma semana tratando do sistema de transmissão da usina de Belo Monte, das demais hidrelétricas a serem instaladas no Amazonas e do desenvolvimento de energia eólica no país. Os programas TV Folha, à época veiculados pela TV Cultura aos domingos, também expandem certos aspectos temáticos, contextualizando, por exemplo as confusões provocadas pelos peões embriagados em um dia de domingo na orla de Altamira, trazendo outras informações

a respeito das condições de trabalho dos operários, e destacando a personagem do agricultor Benedito Balão, ribeirinho do Xingu, num relato mais humanizado dos impactos da usina sobre a vida das populações.

Os conteúdos que adotam a estratégia de expansão pela via da opinião, debatendo aspectos temáticos do texto de referência, aparecem sobretudo no jornal impresso: artigos, tanto defendendo a construção da usina quanto criticando os impactos provocados, colunas e editoriais. A prática da Folha de promover debates também foi integrada ao dossiê, reunindo especialistas e autoridades para discutir, na presença do público, aspectos temáticos tratados no texto de referência. Segundo matéria publicada dias depois no veículo, uma das questões mais polêmicas abordadas no debate dizia respeito aos povos indígenas.

A expansão por exploração de aspectos temáticos proposta pelo dossiê acontece através do aplicativo Folhacóptero, que tem como objetivo proporcionar ao destinatários-consumidores uma experiência “explorável” e sensível do ambiente da obra. Por meio do *newgame* é possível sobrevoar virtualmente o ambiente simulado da Usina Belo Monte e obter informações sobre a construção, além de antecipar o momento em que o reservatório seria ativado e a usina passaria, de fato, a funcionar.

Dessa maneira, constatada a existência de estratégias de expansão entre o texto de referência e os textos associados em mídias e plataformas distintas no dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, reconhecemos nessa produção uma narrativa transmídia jornalística.

3.2 TUDO SOBRE O MOSQUITO

O último dossiê da série *Tudo Sobre* foi lançado no dia 7 de dezembro de 2016, quase um ano depois do anterior. Apesar de produzido por Marcelo Leite, que coordenou o dossiê sobre Belo Monte, *Tudo Sobre o Mosquito* apresenta pouca articulação entre mídias se comparado ao primeiro especial da série. Foram produzidos conteúdos para o portal do veículo (a reportagem multimídia), para o jornal Folha de S. Paulo (um caderno especial), além de publicações em redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram e Google+) e vídeos veiculados no canal TVFolha, da plataforma YouTube.

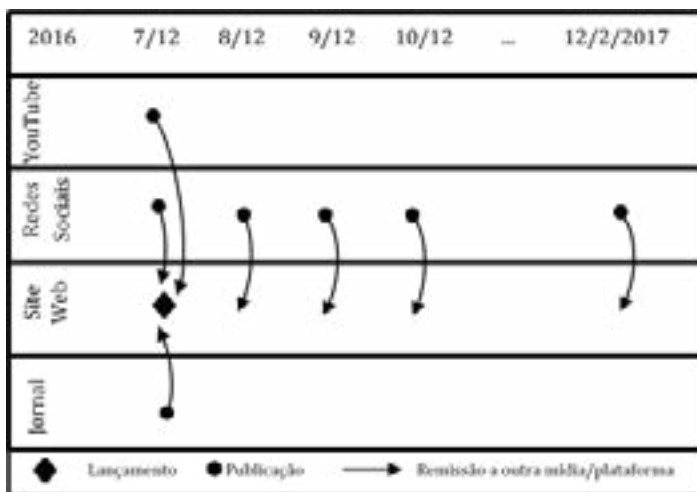
Concebido com objetivo de aprofundar questões ligada à epidemia de zika que assolou o país, *Tudo Sobre o Mosquito* procura “contar a trajetória do *Aedes Aegypti*, investigar os mistérios que ainda rondam o vírus da zika, mostrar o impacto dessa e outras arboviroses sobre as vítimas e desvendar os esforços para erradicar o mosquito” (FSP, 07/12/216, p. EA1). Foram sete jornalistas e mais de vinte profissionais do núcleo de imagem do veículo para produzir um caderno especial para o jornal Folha de S. Paulo e

uma reportagem multimídia em formato *longform*⁴, ambos com o título *Nova temporada*.

A reportagem multimídia em seis capítulos – O vírus da zika, As vítimas, O Aedes, Os EUA, O combate e Perguntas e respostas – investiga as origens do vírus causador da epidemia, mostra seus efeitos nas vítimas, sobretudo a microcefalia causada nos bebês, revela quem é o mosquito transmissor da doença, o *Aedes Aegypti*, e as formas de combatê-lo.

Observando a semana de lançamento do dossiê, notamos também uma repercussão dos conteúdos aquém, por exemplo, da primeira produção da série. No dia do lançamento da reportagem multimídia (que coincide com a publicação do caderno especial), são publicadas galerias de fotos na rede social Instagram e disponibilizados os vídeos no canal TV Folha, do YouTube. Nos dias subsequentes identificamos algumas publicações nas redes sociais Facebook, Instagram e Twitter e quase dois meses depois, em 12/02/2017, uma outra publicação na rede social Facebook retomando a divulgação da reportagem multimídia. A razão parece estar no fato de o fotógrafo Lalo de Almeida ter sido premiado no Word Press Photo pelo ensaio fotográfico sobre o surto de zika na região Nordeste, que ilustra o dossiê *Tudo Sobre o Mosquito*. No fluxograma a seguir (Figura 3) é possível vislumbrar a escassa produção e articulação de conteúdos, sobretudo quando comparado ao dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*, deixando de explorar, sobretudo, o jornal impresso como mídia de respaldo para o público do veículo.

Figura 3 – Fluxograma temporal dos conteúdos do dossiê *Tudo Sobre o Mosquito*



Fonte: MACEDO, 2019, p. 134.

Considerando que os demais conteúdos do dossiê sempre fazem remissão à reportagem multimídia, disponibilizando o link para acessá-la, e como ela desenvolve

⁴ <http://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/o-mosquito>

o programa narrativo-temático principal, entendemos que este se trata do texto de referência.

A estratégia de propagação por *recuperação* é percebida na plataforma TV Folha, quando publica em seu canal no YouTube os vídeos-sínteses da reportagem multimídia, possibilitando que os usuários da plataforma fossem levados à reportagem multimídia através do link disponibilizado ao final da descrição dos vídeos. O jornal Folha de S. Paulo também recupera os conteúdos da reportagem multimídia com a publicação, no mesmo dia do lançamento do dossiê, de um caderno especial de seis páginas, cuja divisão segue a mesma lógica da reportagem multimídia, que teve trechos do texto original suprimido por questões de espaço. Fotografias e infográficos também são recuperados do texto de referência para o caderno especial, assim como o design utilizado no site.

A utilização da rede social Instagram destacou-se nos dias imediatamente posteriores ao lançamento da reportagem, através de publicação de galerias com o ensaio fotográfico de mães com seus bebês vítimas da microcefalia no Nordeste, bem como pequenos vídeos de até 45 segundos. Trata-se de imagens já exploradas no texto de referência, e reproduzidas em outra plataforma. Apesar do significativo número de visualizações e comentários, os jornalistas do veículo não interagem com os usuários das redes nem mediam as discussões.

A estratégia de propagação para *promoção* dos conteúdos do dossiê foi notada apenas através das publicações nas redes sociais Facebook e Twitter, que anunciavam a reportagem multimídia com breve texto de chamada, fotografia e link.

O dossiê *Tudo Sobre o Mosquito*, no entanto, não se utilizou de estratégias de expansão, isto é, não desenvolveu conteúdos que desdobram algum aspecto temático tratado no texto de referência, aprofundando a questão com novas informações, explicações ou argumentos. Prevaecem, sobretudo, as estratégias de propagação já citadas. Dessa maneira, não é possível caracterizar essa produção como narrativa transmídia jornalística, já que não apresenta uma arquitetura textual mais elaborada baseada na hipertextualidade (GENETTE, 2010), a partir dos aspectos temáticos. Podemos, no entanto, definir o dossiê *Tudo Sobre o Mosquito* como produção transmídia de jornalismo, porque, ainda que apresente uma articulação menos intensa entre os conteúdos produzidos para as mídias e plataformas do Grupo Folha, evidencia um processo minimamente planejado de remissão entre os conteúdos, tendo por base um texto de referência, a reportagem multimídia *Nova temporada*, e conteúdos associados publicados no jornal (o caderno especial), nas redes sociais e do canal do TV Folha no YouTube, mobilizados pela estratégia de propagação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação do modelo transmídia por um dos principais jornais brasileiros, conforme constatamos no projeto de produção e articulação de conteúdos da série *Tudo Sobre*, representa uma demonstração de sua aplicabilidade no campo jornalístico. De fato, as tentativas de arranjo de conceitos, princípios e práticas forjadas na indústria do entretenimento, bem como as especulações em torno das possibilidades, enfrentam duas dificuldades muito concretas quando transpostas ao jornalismo: a pouca recorrência desse tipo de produção e a ausência de elementos mais operativos que permitam a caracterização de uma narrativa transmídia jornalística.

A perspectiva adotada de tratar o texto transmídia como um transtexto (GENETTE, 2010), isto é, um texto que se constitui a partir de relações que estabelece com outros textos, nos levou a trilhar um outro caminho para caracterização dessas produções. Assim, reconhecemos nas relações intertextual e paratextual o modo de funcionamento das estratégias de propagação, enquanto na relação hipertextual, das estratégias de expansão, reconhecendo que o emprego destas últimas caracteriza uma narrativa transmídia.

Chegando a esse ponto, encontramos um outro desafio: estabelecer um critério para classificar as relações entre os conteúdos jornalísticos produzidos para um mesmo dossiê. Considerando que o projeto transmídia se diferencia das produções de entretenimento pela sua natureza textual, que no jornalismo tem função mais utilitária de informar, convencer, argumentar e explicar o “mundo real”, e que as reportagens especiais, objeto de análise, tratam predominantemente de situações-problema, o modo de expansão ou desdobramento do texto de referência deveria apresentar alguma originalidade em relação as produções ficcionais.

A hipótese levantada de que os conteúdos transmídia de expansão, que configuram as chamadas narrativas transmídia, são construídos, nas reportagens especiais que exploram o discurso descritivo-argumentativo, por meio do desdobramento temático confirmou-se a partir do estudo do próprio texto jornalístico. Os percursos temáticos, estabelecidos pelos jornalistas-produtores desde a concepção do projeto da reportagem, possibilitam à atividade jornalística um olhar amplo sobre a questão ou fato tratado, organizando seus diversos aspectos em blocos temáticos para uma maior compreensão dos destinatários-consumidores. Essa prática é a base para estratégias de expansão transmídia jornalística, isto é, para a produção de conteúdos para outras plataformas e mídias que ampliam e desenvolvem aspectos temáticos, desencadeiam outros temas relacionados que ficaram de fora do texto de referência, e ainda exploram a multiplicidade de vozes e pontos de vistas que permite outras abordagens, cercando

a situação-problema de tal maneira que o maior número de aspectos sejam tratados.

A análise de dois dossiês da série produzida pela Folha, *Tudo sobre Belo Monte* e *Tudo sobre o Mosquito*, evidenciou tanto a pertinência da base teórica utilizada para compreensão das relações entre os textos em cada uma das estratégias quanto confirmou o critério para se estabelecer essas relações: os aspectos temáticos. Esse exercício permitiu vislumbrar a configuração de uma produção transmídia jornalística e identificar as características que esse modelo transmídia pode assumir: produções mais complexas, baseada em estratégias de expansão, comumente referenciadas como narrativa transmídia ou produções articuladas que, mesmo baseadas apenas em estratégias de propagação, são fundamentais para tornar conhecida a produção jornalística nas demais mídias e plataformas, multiplicando os pontos de acesso ao conteúdo de referência.

Evidenciar esse processo de articulação representa uma contribuição tanto a prática profissional como para o ensino de jornalismo porque, partindo do desdobramento temático como eixo central das estratégias transmídia de expansão, mostra-se um modelo transmídia de produção mais exequível e sem uma associação tão arraigada a novos formatos (ainda que essa experimentação seja recomendada para projetos transmídia). Recupera-se, pelo que foi possível observar das análises dos dossiês, práticas e procedimentos das rotinas produtivas das redações, articulando-as da melhor forma para que possa tornar mais rica a experiência informativa. Em suma, o que aqui foi apresentado como um método de análise dos dossiês, pode ser também pensado como um caminho de roteirização de narrativas transmídias, tal como vem sendo postulado e experimentado por Fachine (2013-2016) na produção de série de reportagens especiais como parte do ensino de telejornalismo.

Sustenta ainda mais essa proposta o fato de que as relações entre os conteúdos transmídia de expansão através de percursos temáticos orientam-se, nos dossiês *Tudo Sobre*, por algumas das funções jornalísticas - atualização, contextualização, opinião e exploração. Se pensadas *a priori*, estas funções fazem com que os conteúdos de expansão assumam papéis específicos e enriqueçam a experiência de conhecimento dos destinatários-consumidores através da continuidade na cobertura dos fatos desencadeados pelo tratamento de uma situação-problema na imprensa, do detalhamento e análise de contextos mais amplos que forneçam maiores elementos de compreensão, da ampliação do número de vozes representativas socialmente que se pronunciam acerca de um tema e faz com que a questão seja vista por diversos ângulos, da exploração do sentidos através da reprodução de ambientes virtuais e/ou eventos que se relacionam com a temática abordada, e do aproveitamento das potencialidades da cultura participativa

para promover o debate mediado jornalistas. Todas essas possibilidades corroboram que o modelo transmídia no jornalismo representa mais do que a simples ampliação de canais; ele proporciona um maior aprofundamento das questões tratadas e, pela diversidade de abordagens, gêneros e pontos e vista, qualificam a informação e o próprio jornalismo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

EVANS, Elizabeth. **Transmedia Television: audiences, new media and daily life**. New York/London: Routledge, 2011.

FECHINE, Yvana. **Disciplina Telecinejornalismo**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2013-2016. Anotações e fichas de Aula.

_____. Interações discursivas em manifestações transmídias. *In*: FECHINE, Yvana. et al. (Org). **Semiótica nas práticas sociais: Comunicação, Artes, Educação**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p. 117-133.

_____. Transmídiação como modelo de produção: uma abordagem a partir de estudos da televisão e de linguagem. *In*: SANTAELLA, Lúcia. NESTERIUK, Sérgio; MASSAROLO, João. **Desafios da transmídia: processos e poéticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018, p. 42-65.

FECHINE, Yvana *et al.* Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**. Leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica.**

Tradução de Alceu Dias Barbosa Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

JENKINS, Henry. **Transmedia Storytelling:** Moving characters from books to films to videogames can make them stronger and more compelling. [S.l.]: Technology Review, 2003. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/biomedicine/13052/>>. Acesso em: 11 de out. 2018.

_____. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

KINDER, Marsha. **Playing with Power in Movies, Television, and Video Games:** From Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles. Berkeley: University of California Press, 1991.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos,** Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set./dez. 2014.

MACEDO, Marcos Carvalho. **Narrativa transmídia jornalística: estratégias e procedimentos nos dossiês *Tudo Sobre*.** 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo, Ática, 2011.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

MITTELL, Jason. **Complex TV.** The Poetics of Contemporary Television Storytelling. New York: New York University Press, 2015.

SODRÉ, Muniz; e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem.** Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.